

# NFT num museu de belas artes.

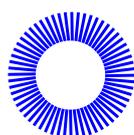
## Branco, cinzas e pretos

Alejandra Panozzo Zenere

Pesquisadora Consejo Nacional  
de Investigaciones Científicas  
y Técnicas (CONICET)

Professora Universidad Nacional  
de Rosario (UNR)

Argentina



### A título de introdução. Três conceitos básicos

Para iniciar essa jornada, consideramos necessário nos determos em três conceitos básicos que nos ajudam a desvendar, possivelmente, certas ações que estão ocorrendo em alguns museus de arte. Esse tipo de instituição cultural está começando a se reconfigurar não apenas em termos de tecnologia, mas também em relação às transformações socioculturais que também são midiáticas, o que implica um encontro contínuo entre processos e estruturas socioeconômicas, formas e conteúdos em diferentes escalas que vêm operando, há alguns anos, no espaço físico e virtual.

Para esclarecer que, embora as possibilidades que se abriam com a tecnologia nos museus tenham sido muito diversas, a proposta que trabalharemos aqui envolve pensá-la de forma articulada com a economia. Nessa linha, torna-se fundamental, em primeiro lugar, fazer referência à noção de NFT (sigla em inglês para *token* não fungível). Para isso, recorremos a uma expressão comum que o define como um certificado digital único e irrepitível, no qual o direito de propriedade pode ser transferido total ou parcialmente para quem o comprou. Essa propriedade pode adquirir diferentes expressões, como fotografias, vídeos, documentos, etc., dando origem a uma comparação com uma *escritura digital*. Em outras palavras, esses certificados se tornam um ativo digital que entra em um canal de transação que torna necessário emití-lo ou compartilhá-lo por meio do *blockchain*. Mas o que é o *blockchain*? Esse é o nosso segundo conceito de análise, que se refere a um sistema (nascido em 2008) que ficou conhecido como blocos validados por uma

rede de nodos que se tornam parte de uma cadeia que tem *memória* e armazena todas as operações realizadas, ao mesmo tempo em que certifica que um ativo digital passa de uma pessoa para outra. Trata-se, portanto, de um tipo de tecnologia cuja principal característica é estar associada a um modelo descentralizado de certificação ou transação, já que a forma como ela é produzida é por meio de diferentes computadores conectados em todo o mundo, que são os que legitimam a transação. Em outras palavras, não existe um proprietário da transação, como geralmente ocorre no meio físico ou digital, mas é a comunidade – por meio de computadores – que certifica que cada NFT passa de um titular para um destinatário. Por fim, o terceiro significado que queremos recuperar é o de *marketplace*, ou seja, os locais onde esses NFTs são negociados, ou seja, plataformas ou *sites* no metaverso que são puramente criados no espaço virtual (Serale *et al.*, 2019; Luzardo e Funes, 2019).

Feitos esses esclarecimentos, sustentamos que estamos diante de uma articulação entre a tecnologia e a economia que, inicialmente, teve uma penetração significativa no setor financeiro, mas que, nos últimos anos, vem ganhando notoriedade em outros setores, inclusive no setor artístico. Especificamente, neste percurso, vamos nos concentrar nas expressões visuais que encontramos nas NFTs e na tecnologia *blockchain* a possibilidade de se tornarem um ativo digital, assim como um canal – por meio de *marketplaces* – para realizar transações descentralizadas e globais em termos de comercialização. O crescimento dessa tendência e o interesse por ela vêm aumentando, como demonstram casos como *Everydays*:



*The First 5000 Days* e *Human One*, de Mike Winkelmann – conhecido como Beeple –; *101 Bored Ape Yacht Club*, da Yuga Labs, que foram vendidos por milhões de dólares (Jiménez, 2022).

No entanto, propomos que esse fenômeno não deve ser lido apenas no terreno transacional entre criadores artísticos que contornam o circuito de galerias, marchands e casas de leilão para vender suas obras, ou espaços físicos que se *aggiornam* ao promover e comercializar esse tipo de peças. Em vez disso, destacamos a maneira como essas produções minam os estatutos do artístico, pois são peças que rompem com a ideia do infinito e do mutável e colocam em xeque a concepção de aurático de Walter Benjamin (2003), ao suprimir a concepção de que nem tudo é reproduzível e está disponível para todos. Dessa forma, são produzidas outras formas e materialidades expositivas que agora estão localizadas, por exemplo, em servidores ou telas. Estamos, então, diante de um conjunto de modificações que alteram não apenas a materialidade e as linguagens das obras, mas também os rituais que o sistema de arte mantém, aos quais os museus (especialmente os de arte) não são alheios. É por essa razão que o que acontece nessa dimensão tecnológico-econômica não pode ser pensado isoladamente; ao contrário, começa a penetrar na dinâmica dos museus que guardam, exibem, ensinam, pesquisam e comunicam a arte. Essa posição pode ser ilustrada pela proposta apresentada pelo Museu Hermitage (São Petersburgo, Rússia), que lançou versões NFT de obras clássicas de Leonardo da Vinci ou Van Gogh – em que o comprador não ficava com a tela, mas com um *token* que, nesse caso, trazia a assinatura do diretor do museu – para arrecadar fundos e entender essa nova relação entre o homem e as artes, ou o que foi realizado pela Galeria degli Uffizi (Florença, Itália) vendeu um NFT de uma de suas pinturas mais famosas para aliviar as perdas causadas pela pandemia do coronavírus (Venegas, 2021).

Os casos mencionados acima são apresentados apenas como um ponto de partida que, sem ignorar as particularidades que são trazidas à tona pelo tipo de entidade patrimonial e pelos contextos em que estão abrigadas, nos aventuram numa miríade de ações que se abrem diante desse cruzamento tecnológico-econômico. No entanto, queremos ir um pouco mais longe e nos deter, concretamente, no que aconteceu em um museu municipal de uma cidade do território argentino, que oferece outra possibilidade que, como mencionamos, mina – ou retoma os debates sobre – os estatutos do artístico, mas também do próprio espaço museal.

### **Vibrant, exposição de NFT no Museo Castagnino**

O evento *Vibrant* foi realizado nos dias 24 e 25 de junho de 2022, das 18h às 22h, no salão central do Museo Municipal de Bellas Artes Juan B. Castagnino, localizado na cidade de Rosario, Argentina. Essa foi a primeira proposta que foi promovida como o evento inaugural numa série de eventos que ocorrerão em diferentes países das Américas e da Europa. Vale ressaltar que esse espaço museal se posiciona como um dos espaços tradicionais e históricos da rede de instituições culturais e do sistema artístico do interior da Argentina, entre outros aspectos, por contar com uma coleção de mais de 4.500 peças; dois recintos: um voltado para a exibição de peças tradicionais e outro para a arte contemporânea; pela fisionomia de seus edifícios; por sua imagem de marca (Panozzo Zenere, 2018).

O evento foi gerado pela DFINITY Foundation e oferecido à instituição estatal de patrimônio da cidade de Rosario sob a premissa de, em termos gerais, promover propostas contemporâneas por meio de NFTs artísticos de vinte criadores internacionais, nacionais e locais, estes últimos por meio de uma chamada aberta. Mas, adicionalmente, foi realizada uma série de palestras não apenas sobre arte digital, mas também sobre *crypto*, *blockchain* e metaverso,





*Vibrant*, no Museo Castagnino.  
Fotos: Alejandra Panozzo Zenere.



com o objetivo de transmitir o potencial econômico, jurídico e artístico dos NFTs.

Foi assim que o salão principal do Museo Castagnino abriu suas portas, durante a noite, para que pudesse ser apreciado um *mapping* especialmente projetado para a ocasião, que acompanhava vinte trabalhos digitais em telas adaptadas para o evento, e uma tela que exibia obras com curadoria da Capa Foundation, uma organização que trabalha com artistas digitais e os acompanha nos processos de levar seus trabalhos ao NFT. Da mesma forma, para criar uma atmosfera completa, a música ao vivo foi oferecida por renomados *DJs* locais, e a presença de alguns dos expositores que circularam e conversaram com o público sobre a variedade de linguagens e recursos das obras expostas. Enquanto isso, nas salas próximas ao salão principal, foi montada uma exposição de peças da coleção gerada pelo estabelecimento. Finalmente, no primeiro andar, uma das alas foi fechada e a outra foi destinada às palestras, deixando um espaço no centro na forma de uma pequena sala de estar com poltronas, café, *banners*, telas, etc.

A partir dessa breve descrição, podemos distinguir vários aspectos que são trazidos à tona; a seguir, vamos nos concentrar em alguns deles. Em primeiro lugar, recuperamos a materialidade desse tipo de propostas artísticas que, como já foi mencionado, foram desacreditadas ao longo da história da arte, alegando-se que o que elas oferecem não é digno ou não tem valor, mas nesse contexto elas são ressignificadas e legitimadas tanto pelo espaço museal que as abriga quanto por certos paralelos com peças da coleção que também exploram essas linguagens. O que é significativo é que esses tipos de expressões, no entanto, costumam ser mostrados no espaço contemporâneo, mas, nesse caso, devido às condições espaciais, isso não pôde ocorrer (Vibrant..., 2022). Essa condição nos leva a recuperar outro aspecto, o caráter que o espaço físico adquire: por um lado, revalorizando-se como um lugar de legitimação emblemática da cidade que se atualiza e, por outro, reconfigura-se como uma extensão do espaço virtual, ao exibir propostas artísticas digitais em telas sob uma atmosfera imersiva que articulava som, imagem e vídeo,





*Vibrant*, no Museo Castagnino.  
Fotos: Alejandra Panozzo Zenere.

ao mesmo tempo em que propiciava um deslocamento por meio de códigos QR na plataforma da Fundação. Nesse momento, talvez de forma polêmica, observamos que essa dinâmica não só permitia recuperar dados descritivos sobre os artistas e suas obras, mas também comprar naquele mesmo momento as peças expostas. Tudo isso nos permite questionar até que ponto esse estabelecimento não se torna um espaço de venda e comercialização de obras. Embora suas autoridades tenham negado categoricamente essa ação, há fortes indícios de que a dinâmica do que acontece nesse tipo de instituição patrimonial continua influenciando o mercado artístico. Em outras palavras, a correspondência entre museus, artistas e mercado, e a indefinição de tempo e espaço, é percebida com mais clareza.

Esse último aspecto nos leva a destacar outro fato que está ligado à circulação dos visitantes entre os diferentes espaços do museu, a maioria dos quais oferecia obras do acervo com técnicas tradicionais de artistas locais. Colocamos essa questão no centro de nossa análise, pois a proposta gerou a chegada de outros públicos

– cerca de quatro mil pessoas participaram, quase o número do total de visitantes anuais – com um perfil marcadamente jovem, que registrou seu passeio em fotos e vídeos que encheram as redes sociais. Mais uma vez, há uma extensão entre o físico e o virtual, mas o singular é que essa sinergia é impulsionada não apenas pelos organizadores, mas também pelos próprios visitantes, que estimulam essa condição. Por um lado, é revelado um novo registro de corporeidade que não está presente apenas na proposta imersiva do evento, mas também na proposta de outro tipo de experiência que borra certos rituais que disciplinavam e condicionavam a circulação nos salões desses estabelecimentos (Bennett, 1996) e que, de uma forma ou de outra, condicionavam a maneira de perceber as peças artísticas (Guasch, 2008). Por outro lado, a presença desses visitantes é reconhecida como a chegada de potenciais públicos para o estabelecimento, mas também para a empresa como possíveis consumidores, uma vez que, para participar do evento, era necessário se registrar antecipadamente em sua plataforma, tomando



posse de informações que pudessem ser usadas no futuro para oferecer seus serviços. Isso se traduz numa modalidade de *marketing* global que ajuda a expansão de um negócio não convencional, com claros contratempos legais e repercussões ecológicas, que está tentando se espalhar na Argentina, mas também no continente latino-americano.

Por fim, e em consonância com o acima exposto, destacamos outro aspecto que assume uma nova dimensão, que tem a ver com os limites das alianças entre os setores privado e estatal; enfatizamos que a maioria dos museus na Argentina é de natureza governamental. Os museus, como outros órgãos, não estão isentos de receber doações, comprar, firmar acordos, etc., para sustentar suas estruturas ou ampliar seu patrimônio e, em outras ocasiões, associam-se a particulares que solicitam, por exemplo, um espaço para oferecer seus produtos. Esse foi o caso desse evento, que se ofereceu para pagar pela publicidade, melhorar o sistema de iluminação, cuidar da segurança, etc. Aqui, claramente, o museu não foi vendido a uma entidade privada, mas, como mencionado, gerou-se certo desequilíbrio econômico em favor da empresa, já que ela também oferecia outros serviços como, por exemplo, a compra e venda de moeda na sala de estar do primeiro andar, o que embaça, talvez, o que se espera desse tipo de instituição cultural. A intenção do estado municipal e de suas instituições culturais de fazer parte dos debates e desafios contemporâneos em relação à digitalização das práticas artísticas e às transformações na produção, circulação e consumo de arte no cenário atual gerou, durante o evento, outras situações com as quais não estamos acostumados. Dessa forma, consideramos que se levantam questões que giram em torno dos limites oferecidos por essas inter-relações e da forma como nos é dada uma *mise-en-scène* ressignificada.

### Palavras finais

Quanto à nossa problematização, ainda há muitas questões em aberto; possivelmente, estamos apenas arranhando a superfície e seu impacto é ainda maior. O cruzamento entre tecnologia e economia, em clara consonância com a *virada midiaticizada* e a *economia criativa*, não apenas condiciona o campo artístico, mas também demonstra uma nova atualização desse tipo de instituição cultural que não está isenta do que acontece fora de seus limites físicos.

Áreas claras, cinzas e pretas se cruzam, nas quais a dinâmica dos museus, nesse caso os museus de arte, entra numa sinergia particular entre visitantes regulares e potenciais; setores público e privado; práticas artísticas tradicionais e digitais; espaços físicos e virtuais. No entanto, resta analisar se o que foi proposto ao longo de nosso trabalho corresponde apenas a esse tipo específico de estabelecimento ou, ao contrário, pode funcionar em outras tipologias. Talvez essa última hipótese seja possível, dependendo de análises e explorações que contemplem o particular e a própria práxis. Por essa razão, advogamos trabalhos que recapitem as leituras feitas ao longo desse percurso, ou que as atualizem.



# Referências

Benjamin, W. (2003). *La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica*. México, D. F.: Editorial Itaca.

Bennett, T. (1996). The exhibitionary complex. Em R. Greenberg, B. Ferguson e S. Nairne (eds.), *Thinking about Exhibitions*, pp. 58-80. London: Routledge.

Guasch, A. M. (2008). Los museos y lo museal. El paso de la modernidad a la era de lo global. *Revista CALLE*, 14 (2): 11-20.

Jiménez, R. (2022, 25 de fevereiro). Las cinco obras de arte NFT más caras de la historia. *ABC*. [https://www.abc.es/summum/living/negocios/abci-cinco-obras-arte-mas-caras-historia-202202250023\\_noticia.html](https://www.abc.es/summum/living/negocios/abci-cinco-obras-arte-mas-caras-historia-202202250023_noticia.html)

Luzardo, A. e Funes, G. (2019). *Emprendimientos tecnocreativos. Creatividad y tecnología, ¿aliados o enemigos?* New York: BID.

Panozzo Zenere, A. (2018). *Se contempla, se experimenta. Modos de comunicar del museo de arte contemporáneo*. Rosario: UNR Editora.

Serale, F., Redl, C. e Muent-Kunigami, A. (2019). *Blockchain en la administración pública: ¿Mucho ruido y pocos bloques?* New York: BID.

Venegas, E. (2021, 27 de julho). El museo Hermitage y Binance crearán NFT de obras de Da Vinci y Van Gogh. *BeInCrypto*. <https://es.beincrypto.com/elmuseo-hermitage-binance-crearan-nft-obras-da-vinci-van-gogh/>

Vibrant sentó precedente en la exhibición de arte NFT en Museo Castagnino. (2022, 29 de junho). *DOQUIER*. <https://www.doquier.com.ar/index.php/vibrant-sento-precedente-en-la-exhibicion-de-arte-nft-en-museo-castagnino/>